

Comércio dá o tom da visita de FHC à Grã-Bretanha

Mercado brasileiro atrai investidores

Maria Clara R. M. do Prado
de Londres

Direitos humanos, drogas, meio-ambiente, ciência e tecnologia. Essas são as quatro principais áreas de entendimento que vão servir de pontos de partida para uma nova etapa nas relações externas entre Brasil e a Grã-Bretanha, a partir da visita de Estado que o Presidente começa oficialmente hoje, em Londres, a convite da Rainha Elizabeth II. Mas uma outra área, a do comércio exterior, poderá dar frutos a médio prazo se forem levadas adiante as intenções de cooperação dos governos de ambos os países.

Para o Ministério das Relações Exteriores do Reino Unido, o Brasil exerce hoje uma atração que cresce na mesma proporção de seu mercado interno. Vive-se, na verdade, com o período de expansão pelo qual passa a economia britânica, um processo de valorização da libra esterlina que tornou as exportações da Grã-Bretanha de modo geral mais caras quando comparadas com os seus parceiros internacionais. Isso tem obrigado os exportadores britânicos a buscar novos mercados, como a América-Latina, em detrimento por exemplo da França e da Alemanha, que até recentemente respondiam por quase um terço do destino das exportações da Grã-Bretanha.

Pode-se dizer que há ainda um outro fator contribuindo para o vertiginoso aumento da venda de produtos britânicos ao Brasil: a valorização do real frente ao dólar que em alguma medida ajuda a compensar o "custo" adicional da valorização da libra sobre as exportações da Grã-Bretanha. Isso acontece porque todo o comércio exterior brasileiro ainda toma como referência o dólar norte-americano como moeda base para efeito de conversão cambial.

Prova é que, a despeito da valorização da libra, os britânicos triplicaram suas exportações para o Brasil nos últimos cinco anos, passando do valor anual de apenas US\$ 405,5 milhões em 1992 para US\$ 1,246 bilhão em 1996. E continuam aumentando este ano, no ritmo de 30% sobre o observado no ano passado. A consequência é que o Brasil deve fechar em déficit, pela primeira vez em muitos anos, sua balança comercial com a Grã-Bretanha de 1997. Em 1996, houve um pequeno superávit em favor do Brasil de US\$ 77,681 milhões.

Uma fonte do Ministério das Relações Exteriores britânico indicou on-

tem a este jornal, no entanto, que há interesse do Governo do primeiro-ministro Tony Blair em ajudar para a melhoria das relações comerciais entre os dois países. "Não há dúvida de que o esforço de exportação deve partir do próprio setor empresarial, mas estamos dispostos, e em entendimento com o governo brasileiro, a fazermos um esforço de aproximação dos empresários do setor privado, de ambos os lados", comentou uma fonte qualificada do Ministério.



Fernando Henrique Cardoso

Nenhum acordo substancial será assinado nesta viagem do Presidente Fernando Henrique Cardoso à Grã-Bretanha, mas ambos os governos darão início sem dúvida a uma nova etapa de maior aproximação com o Plano de Ação Conjunta que será firmado ainda na forma de um acordo-quadro, onde por enquanto existe apenas a moldura mas que no futuro, con-

forme se prevê no Ministério das Relações Exteriores britânico, poderá ser recheado com uma série de acordos em áreas específicas, incluindo até a área de comércio e de investimento.

Por enquanto, do ponto de vista do governo britânico, o espaço que se abre para o início de um processo de entendimento concentra-se no meio ambiente (onde o manejo da floresta sustentável é o principal objetivo do programa de cooperação técnica da Grã-Bretanha com o Brasil, envolvendo seis milhões de libras no período 1996 a 1997, equivalentes a US\$ 9,6 milhões), na cooperação do combate às drogas (aqui, o governo britânico tem contribuído com 1,4 milhão de libras esterlinas, equivalente a US\$ 2,3 milhões, no projeto que prevê o maior policiamento anti-narcóticos na região amazônica) e no campo dos direitos humanos, um assunto prioritário para o governo e para a opinião pública da Grã-Bretanha. A mesma fonte lembrou que o Secretário Especial para Assuntos de Direitos Humanos, José Gregori, tem estreitado os entendimentos sobre o tema com o governo em Londres.

"A questão dos direitos humanos é um tema difícil, mas sentimos da parte do governo brasileiro um forte espírito para a cooperação na medida em que ele mesmo tem reconhecido a existência de uma série de problemas nessa área. Há um diálogo aberto sobre o assunto e, a partir do envolvimento de José Gregori, podemos ajudar o Brasil com assessoramento e treinamento para que a situação dos direitos humanos melhore para o nosso mútuo interesse", observou a fonte do Ministério das Relações Exteriores da Grã-Bretanha. Um avanço nessa área é sem dúvida importante e ajudaria a melhorar a imagem do Brasil no exterior, onde cenas do massacre de Carandiru, da matança da Candelária, da violência no campo e da miséria da população indígena ainda dominam na idéia que muitos britânicos fazem do país.